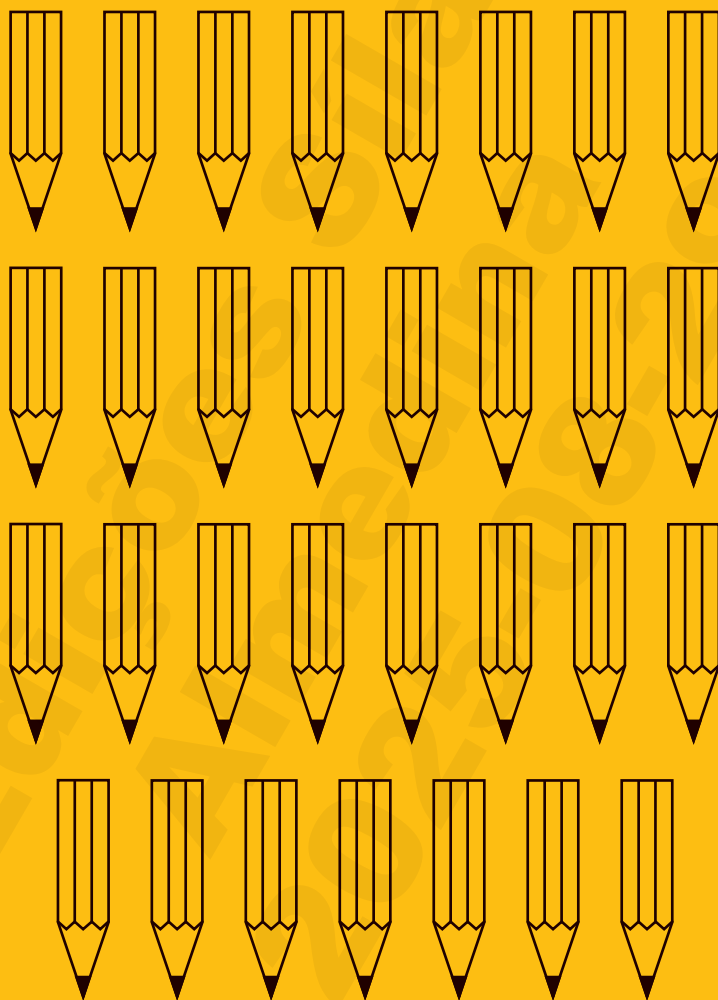


BIOGRAFIAS

DE 31 PERSONALIDADES DA EDUCAÇÃO
CABO VERDE • SÉCULO XX



MARIA ADRIANA SOUSA CARVALHO
ILDO AUGUSTO SOUSA CARVALHO

Maria Adriana Sousa Carvalho e
Ildo Augusto de Sousa Carvalho

BIOGRAFIAS
de
31 PERSONALIDADES
DA EDUCAÇÃO

CABO VERDE

SÉCULO XX



PEDRO CARDOSO
LIVRARIA

FICHA TÉCNICA:

Edição: LPC - Livraria Pedro Cardoso
Sede Fazenda Praia, Cabo Verde
Telefone: (+238) 260 15 07 / 08 / 09
livrariapedrocardoso@gmail.com

Título: BIOGRAFIAS DE 31 PERSONALIDADES DA EDUCAÇÃO – CABO VERDE. SÉCULO XX

Organização: Maria Adriana Sousa Carvalho e Ildo Augusto de Sousa Carvalho

Autores: Maria Adriana Sousa Carvalho, Fátima Bettencourt, Maria Cândida Gonçalves, Ana Maria Cordeiro e João Cidade Alpiarça

Revisão: Eduardo Augusto Cardoso

Design e paginação: Inês Ramos

Capa: Ana Carvalho

© do autor. Direitos desta edição reservados à Livraria Pedro Cardoso
1.ª edição: Junho de 2025

Impressão e acabamento: ARTIPOL – Artes Tipográficas, Lda.

ISBN: 978-989-9186-25-5
Depósito Legal: 549843/25
Tiragem: 300 exemplares

É expressamente proibido reproduzir, no todo ou em parte, sob qualquer forma ou meio, nomeadamente fotocópia, esta obra. As transgressões serão passíveis das penalizações previstas na legislação em vigor.

Índice

Prólogo	5
Dedicatória	11
Nota de Gratidão	13
Biografias.....	15
José Maria Cabral de Azevedo	21
António José de Oliveira Bouças	27
José Lopes da Silva	37
António Manuel da Costa Teixeira	51
Eugénio de Paula Tavares	59
Augusto Manuel Miranda	75
José dos Reis Borges	85
Pedro Monteiro Cardoso	91
Augusto Pereira Vera Cruz	107
Adriano Duarte Silva	115
Baltasar Lopes da Silva	125
Inácia Cândida Bettencourt Santos	145
António Aurélio da Silva Gonçalves	153
Celeste Nascimento Pereira	165
Henrique Teixeira de Sousa	171
Guilherme Dias Chantre	187
Antero João de Barros	195

Arnaldo Carlos de Vasconcelos França	203
Maria Helena S. d'Eça Spencer Santos.....	215
Caetano Francisco A. P. Pimenta Pereira.....	227
Maria Luísa T. S. Blanqui Teixeira	237
Maria Luísa Ferro Ribeiro.....	245
Carlos Nunes Fernandes dos Reis	259
José Eduardo Figueiredo Araújo	279
André Corsino Tolentino.....	289
Manuel da Paixão dos Santos Faustino.....	309
Ondina Maria F. Rodrigues Ferreira	327
José Luís Livramento M. Alves de Brito.....	343
Henrique Teixeira Oliveira	357
Ana Maria de Almeida Santos Cordeiro	369
João Cidade Alpiarça	379
Epílogo	399
Fontes e Bibliografia.....	401
Sobre os organizadores e autores	415

Prólogo

Este livro é composto por trinta e uma histórias de vida de homens e mulheres que se dedicaram à educação e ao ensino, ao longo do século XX, em Cabo Verde. São relatos (auto)biográficos, modelados a partir de um guião pré-definido, que testemunham (não explicam, nem julgam) episódios, factos e acontecimentos (que ficaram na memória ou em registos escritos), centrados na singularidade de cada biografado. O epíteto educador atribuído a cada personalidade pressupõe dimensões pessoais e profissionais prestigiadas no seu tempo e reconhecidas na contemporaneidade. São cidadãos comprometidos com “a educação doméstica, educação cívica, educação social, educação coletiva, a educação no mais amplo sentido da palavra” (p. 42).

O ponto de partida para a elaboração das biografias foi a leitura e análise de obras de biógrafos reconhecidos como Francisco Lopes da Silva (1990-92), João Nobre de Oliveira (1998), Arnaldo França (anos 80-90) e Leão Lopes (2011). O caminho seguinte conduziu-me aos arquivos na busca de fontes primárias e secundárias que desvendaram memórias pessoais e institucionais inéditas. No caso das histórias de vida mais recentes prevaleceu o método interativo ou dialógico (biógrafo-biografado), que confluiu na reconstituição cúmplice (no sentido nobre do termo) de vivências pessoais numa perspetiva histórica.

*

* *

Selecionar um conjunto de individualidades, num campo tão vasto como a educação, é uma operação de risco, que carrega consigo a imperfeição, que assumo como uma das autoras. A imperfeição reside na subjetividade na seleção das fontes históricas (a escolha é do autor) e nas omissões que falam por si. Tentando atenuá-las, considero que “os factos valem como ilustração de carácter e o narrador pode silenciar os que quiser” (Jorge Luís Borges, 1989, p. 279).

Inicialmente identifiquei uma lista ampla de personalidades que contribuíram para a construção do sistema educativo nacional “com raízes

no passado, e, em linguagem paradoxal, mas justa, com raízes também no futuro” (Fernando Pessoa, 1941). Alguns eram nomes sonantes, que não suscitavam qualquer dúvida; outros menos conhecidos, até improváveis, com obra feita e prestígio profissional e social. Sucederam-se as listas. Fiz as escolhas possíveis.

Pressinto a inevitabilidade das perguntas: «Porquê trinta e uma personalidades?», «Porquê estas e não outras?». O número é aleatório, ajustado ao tempo que tenho, ao meu engenho e arte e à disponibilidade de fontes históricas com rigor e consistência. Para a segunda questão não tenho resposta tão categórica. Na seleção final prevaleceu o bom senso (assim, espero!) e os critérios da produção escrita e autenticidade historiográfica. Adotei também um padrão nivelador, a representatividade de categorias identitárias: o professor (primário e secundário, liceal e técnico, do ensino laico e religioso, cooperante), o gestor (diretor, reitor, ministro, consultor internacional), o intelectual-professor (dificilmente se vivia só da cultura), o empreendedor (cidadania ativa), o pedagogo (ideólogo e reformador).

A convivialidade próxima com professores e gestores, técnicos e dirigentes do Ministério da Educação permitiu-me identificar um primeiro conjunto de pessoas que se distinguiram na construção e desenvolvimento do sistema educativo. No Arquivo Nacional de Cabo Verde escrutinei fontes que desvendaram um segundo conjunto de notáveis educadores, predominantemente escritores e poetas (mas também professores), que iluminaram a prática docente com a reflexão teórica. O resultado da conjugação destes dois “mundos” é a lista que integra este livro.

*

* *

O livro não está organizado em partes ou capítulos. Evitei a dicotomia e a rigidez do antes e depois. Cada biografia tem autonomia própria. A ordenação obedeceu ao critério da sequência no tempo que cada um dedicou à educação. Com o propósito de tornar útil e menos árida as considerações que “prologam” o livro, passo a apresentar as biografias e o seu contexto num *continuum* de três segmentos cronológicos.

*

* *

O primeiro segmento começa em finais de oitocentos e prolonga-se até aos anos trinta do século XX. Assinala um período historicamente marcado em Portugal e nas Colónias pelo fim da Monarquia, a instauração da República e a sua evolução para o Estado Novo ditatorial (1910-1933). Como refere Gabriel Fernandes (2006), inicialmente, os colonizados imaginaram-se “nacionais e, *ipso facto*, com livre trânsito e com plenas garantias de cidadania em todo o território nacional”, porém as dissensões entre o discurso inclusivo e as práticas exclusivas foram-se agravando.

A história da educação no Arquipélago – na encruzilhada de duas mundivisões e modelos de ensino, o rural-religioso (Seminário-Liceu de S. Nicolau, extinto em 1917) e o urbano-laico (Liceu do Mindelo, criado nesse ano) – perpassa nas biografias de José Maria Cabral de Azevedo, António José de Oliveira Bouças, José Lopes da Silva, António Manuel da Costa Teixeira, Eugénio de Paula Tavares, Augusto Manuel Miranda, José dos Reis Borges, Pedro Monteiro Cardoso, Augusto Pereira Vera Cruz e Adriano Duarte Silva. São professores, jornalistas, escritores, um reitor e dois deputados. Sete estudaram no Seminário, dois eram autodidatas e um estudou numa Universidade em Portugal.

Os temas de eleição da escrita jornalística e ficcional e do debate parlamentar desta plêiade de personalidades foram: o atraso educacional de mãos dadas com a pobreza e a sujeição colonial; o analfabetismo e o bloqueio à emigração dos cabo-verdianos iletrados para os EUA; a esquecida educação das meninas; a discriminação das professoras; o ensino da música; a contingência dos exames; o ensino objetivo e instrumental; as línguas no ensino (português e crioulo); os métodos modernos de leitura e a luta por “direitos iguais, já que os deveres o são” (p. 92). A decadência do Seminário, a criação do Liceu de Cabo Verde, “onde o ensino ganhou outras aberturas, libertando-se daquele dirigismo excessivo que caracteriza toda a educação religiosa, especialmente nas épocas pretéritas” (p. 172) e a política colonial de depreciação do ensino liceal, “um orgulho hesperitano”, preencheram editoriais, notícias e artigos de jornais, almanaques, boletins e revistas.

*

* *

O segundo segmento decorre dos anos trinta ao final da década de cinquenta do século passado. Vivia-se um tempo de asfixia política, marcado pela Constituição Portuguesa de 1933 (ideário do Estado No-

vo) e pelo fortalecimento do “fascismo de importação e imitação, que ignorava ou violava os mais elementares princípios que regem a vida do homem e do cidadão e salvaguardam a liberdade individual” (p. 135). A voz da cidadania torna-se cautelosa. A escrita em jornais e livros “visados pela censura” requer coragem, cuidados e subterfúgios. Os intelectuais reinventam a linguagem, repleta de metáforas e de não-ditos. Lia-se nas entrelinhas.

As histórias de vida de Baltasar Lopes da Silva, Inácia Cândida Bettencourt Santos, António Aurélio da Silva Gonçalves, Celeste Nascimento Pereira, Henrique Teixeira de Sousa, Guilherme Dias Chantre, Antero João de Barros, Arnaldo Carlos de Vasconcelos França, Maria Helena S. d’Eça Spencer Santos, Caetano Francisco A. P. Pimenta Pereira e Maria Luísa T. S. Blanqui Teixeira situam-se nesse tempo de submissão, resistência e hesitante modernização. São escritores das revistas *Certeza* e *Claridade*, professores de sucessivas gerações, dois reitores, um médico escolar e uma mãe preocupada com o futuro do ensino. Subsistem as marcas da formação do Seminário (em dois casos), mas prevalece a formação universitária (Portugal, Espanha, Itália e Índia). A Escola do Magistério Primário de Lisboa e o exercício profissional são as fontes de formação das professoras primárias.

A excessiva dependência da colónia e a aspiração à adjacência, o eterno dilema do cabo-verdiano “querer-ficar-e-ter-de-partir” e a insatisfação com a política educativa colonial (um único liceu no Arquipélago, com menos tempo de aprendizagem e corpo docente reduzido e precário) são questões presentes nas biografias. Assiste-se, porém, a um crescendo de aspirações nos limites da palavra autorizada: a transformação das “nossas escolas sentadas e do ensino papagueado por escolas ativas, movimentadas, em que o aprendizado parte do concreto” (p. 178); a melhoria da situação nutricional através das cantinas escolares; as imensas possibilidades expressivas do crioulo para os professores de português e a criação de uma academia de música; em suma, “um ensino que não se confine nos manuais escolares e desperte nos discípulos a compreensão do dito *shakespeariano* de que há dois mundos” (p. 158). O alargamento da oferta formativa na colónia (1955, 1957) é outro tema relevante: no Mindelo com a criação da Escola Técnica Elementar e na Praia com a instalação da Secção do Liceu do Mindelo e a criação do Seminário Diocesano de São José.

*

* *

O terceiro segmento decorre dos anos sessenta ao fim do século XX com natural continuidade no século seguinte. É uma época marcada pelo reconhecimento do direito dos povos à autodeterminação, pela afirmação dos nacionalismos africanos e consequente guerra colonial. Ao derrube do Estado Novo em Portugal em 1974 sucede a proclamação do Estado de Cabo Verde em 5 de julho de 1975. A vida continuou num país independente na senda da afirmação e do desenvolvimento.

Para documentar esse tempo escolhemos as histórias de vida de Maria Luísa Ferro Ribeiro, Carlos Nunes Fernandes dos Reis, José Eduardo Figueiredo Araújo, André Corsino Tolentino, Manuel da Paixão dos Santos Faustino, Ondina Maria Fonseca Rodrigues Ferreira, José Luís do Livramento M. Alves de Brito, Henrique Teixeira Oliveira, Ana Maria de Almeida Santos Cordeiro e João Cidade Alpiarça. São professores e especialistas que congregam saberes distintos, promotores da cooperação técnica e científica, reformadores e dirigentes (seis ministros da educação). Representam a construção de um sistema que se pretendia novo, as mudanças que se consolidam e a cooperação para o desenvolvimento.

Como reconhece António Nóvoa (2005), para o caso português, o século acaba como começou, com um forte sentimento de “atraso” em relação à Europa. Assim aconteceu em Cabo Verde. Pareceres, diagnósticos, estudos, planos, relatórios (inter)nacionais reclamam reformas urgentes e formação de recursos humanos qualificados, sob a batuta da OCDE, da UNESCO e do Banco Mundial e de outras instâncias internacionais. As palavras “mudança”, “reforma”, “capital humano” percorrem as biografias. A débil educação científica (mesmo com as nascentes Instituições de Ensino Superior), a ausência de uma cultura de estudo e de investigação e os altos níveis de insucesso académico permanecem como desafios a contornar. Mas, nem tudo se limitou ao institucional, à regulação das Organizações Governamentais (e Não Governamentais), às diretrizes dos planos, quer sejam planos nacionais de desenvolvimento ou planos estratégicos. O sonho, que comanda a vida, está presente na cooperação solidária que foi decisiva para o futuro do sistema educativo.

*

* *

Espero que o Prólogo – etimologicamente, a antecâmara para a entrada do coro e da orquestra onde se anuncia o tema da peça de teatro –

tenha despertado interesse pelas histórias de vida e a vontade de as divulgar, não com intuítos valorativos de uma ou outra personalidade, mas como fontes fundamentais para a História da Educação em Cabo Verde.

Maria Adriana Sousa Carvalho
Julho de 2024

À Ana e Vitor

Ao Pedro e Carla

Nota de gratidão

Este é um livro plural. Foi escrito por muita gente – os autores das biografias com o apoio de colaboradores que se empenharam na investigação prévia e no aprimoramento dos textos; as pessoas que nos confiaram as suas memórias e registos pessoais (a maioria escritos para aqui serem incluídos) e os familiares e amigos que nos deram testemunhos e facultaram documentos.

Os nossos agradecimentos a todos que, ao longo de cerca de quatro anos, se dedicaram a este empreendimento com muita competência, conhecimento especializado e amizade.

Um agradecimento muito especial aos autores convidados, Fátima Bettencourt, Maria Cândida Gonçalves, Ana Cordeiro e João Cidade Alpiarça. As histórias de vida que escreveram revelam novas facetas sobre a educação em várias latitudes.

Tive a sorte de ter três excelentes leitores, o Eduardo Cardoso, o Ildo Augusto e o Pedro Carvalho, meticolosos, puristas da língua portuguesa, que com as suas sugestões e comentários críticos emprestaram à versão última do texto uma escrita depurada e contida.

Uma menção de reconhecimento ao Editor Mário Silva, que, mais uma vez, acreditou em nós, transformou ideias e projetos num livro com elevada qualidade gráfica e estética. Um bem-haja à Inês Ramos pelo seu rigor e bom-gosto na conceção do livro. E, por fim, é com um carinho muito especial que agradecemos à Ana, a estética e simplicidade da capa que criou.

BIOGRAFIAS
de
31 PERSONALIDADES
DA EDUCAÇÃO

CABO VERDE

SÉCULO XX

Observações úteis para a consulta e leitura do Livro

- I – Cada biografia é um texto autônomo sem relações de interdependência com as outras.
- II – As biografias têm como base um guião pré-definido: elementos sobre a origem, formação e trajetória profissional e social; realizações, ideias e projetos com destaque para a Educação; bibliografia de e sobre cada personalidade e manifestações de reconhecimento e homenagens.
- III – As fontes e as referências bibliográficas constam do corpo de cada texto, sendo, nalguns casos, completadas e/ou esclarecidas nas notas de fim de texto.
- IV – O asterisco (*) indica que a pessoa assinalada é também objeto de uma biografia.
- V – A encabeçar cada biografia uma barra cronológica assinala o período de intervenção educativa do biografado tendo em atenção a documentação/escritos, sobre educação, nela referidos. As biografias estão ordenadas pela data de início desses períodos.
- VI – Na escrita adotaram-se as regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2010. As citações respeitam as grafias originais.

BIOGRAFIAS e AUTORES

José Maria Cabral de Azevedo
António José de Oliveira Bouças
José Lopes da Silva
António Manuel da Costa Teixeira
Eugénio de Paula Tavares
Augusto Manuel Miranda
José dos Reis Borges
Pedro Monteiro Cardoso
Augusto Pereira Vera Cruz
Adriano Duarte Silva
Baltasar Lopes da Silva
António Aurélio Gonçalves
Celeste Nascimento Pereira
Henrique Teixeira de Sousa
Guilherme Dias Chantre
Antero João de Barros

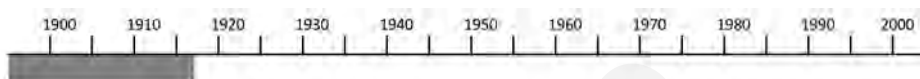
Arnaldo Carlos de Vasconcelos França
Maria Helena S. d'Eça Spencer Santos
Caetano Francisco A. P. Pimenta Pereira
Maria Luísa Ferro Ribeiro
Carlos Nunes Fernandes dos Reis
José Eduardo Figueiredo Araújo
André Corsino Tolentino
Manuel da Paixão dos Santos Faustino
Ondina Maria F. Rodrigues Ferreira
José Luís Livramento M. Alves de Brito
Henrique Teixeira Oliveira

(Autora: Maria Adriana Sousa Carvalho com a colaboração de Ildo
Augusto de Sousa Carvalho)

Inácia Cândida Bettencourt Santos
(Autora: Fátima Bettencourt)

Maria Luísa T. S. Blanqui Teixeira
(Autora: Maria Cândida Gonçalves)

Ana Maria de Almeida Santos Cordeiro
João Cidade Alpiarça
(Autobiografias)



José Maria Cabral de Azevedo

Ilha de São Nicolau

29/10/1853¹

Ilha de São Nicolau

??/??/19??²



Fig.1³

Formação e carreira profissional

Filho de Pulquéria Gertrudes Cabral e de Francisco António Lopes da Silva, José Maria⁴ estudou no Seminário-Liceu na ilha de S. Nicolau (Oliveira, 1998, p. 694). Desse tempo recorda “o saudoso padre João Nunes d’ Aguiar que muita amizade me dispensava e me ensinava, ainda criança, a ler e escrever” (*O Futuro de Cabo Verde* de 28 de maio de 1914).

No dia 31 de maio de 1880 casou com Ana Maria de Sousa⁵ e, seis anos depois, foi nomeado professor primário na escola da Praia Branca, ilha de S. Nicolau, onde serviu “com inteireza quase 27 anos” (Oliveira, 1998, p. 694).

“Praia Branca é uma das mais antigas povoações da ilha, pois, já em 1853 os seus moradores requereram ao Bispo a criação de uma freguesia, por já existirem mais de cem fogos, e a mesma ficar muito distante da sede da freguesia de Nossa Senhora do Rosário.” (João Lopes Filho, 2019, p. 213⁶)

Em conformidade com a “Lista das escolas da ilha de S. Nicolau”, no ano

1912, a sua escola na Praia Branca era frequentada por 90 alunos, tendo-se registado o aproveitamento de 53% dos alunos do 1.º grau e a aprovação de 75% no exame do 2.º grau.⁷

No artigo intitulado “Sam Nicolau – Estado da instrução primária 1.º e 2.º graus”, que José Maria Cabral de Azevedo publicou no jornal *A Voz de Cabo Verde* de 11 de setembro de 1916, reconhece que, quando foi nomeado interinamente para exercer o magistério, não possuía as habilitações exigidas para a docência. Por sua iniciativa estudou e concluiu, quatro anos depois, essas habilitações. O professor esclarece:

“Fui à cidade da Praia, fiz o meu exame de admissão ao magistério; fui classificado de distinto, e, como tal, considerado apto para exercer o professorado e o modo como cumpri a missão de que fui encarregado, sem temer qualquer desmentido, já o inseri neste jornal numa Carta aberta dirigida a Sua Ex.a o ex-governador Bicker.”

Segundo João Nobre de Oliveira, excluindo um curto período de seis anos, o professor viveu sempre na ilha de S.

Nicolau (1998, p. 694). No “Registo de bilhetes de identidade dos funcionários residentes na ilha”, de 2 de setembro de 1929, está classificado como professor oficial, aposentado, primário.



Fig. 2 - José Maria Cabral de Azevedo com a família

Professor-jornalista

José Maria Cabral de Azevedo é um exemplo de professor que utilizou a escrita na imprensa para analisar de forma fundamentada, por vezes crítica, o sistema escolar a partir da sua experiência profissional.

“Foi correspondente em S. Nicolau do jornal *O Futuro de Cabo Verde* (1913-1916) e do *Notícias de Cabo Verde* (anos 30). Colaborou n’ *A Voz de Cabo Verde*, *O Popular*, *O Progresso*, *A Defesa* (da ilha de S. Nicolau) e no português *O Correio d’África*, etc.” (Oliveira, 1998, p. 694)

No semanário *A Voz de Cabo Verde*, o Professor Cabral de Azevedo escreveu sobre o ensino primário e a sua prática na Escola da Praia Branca:

“Há um outro obstáculo que tenazmente põe estorvo ao progresso da instrução nestas terras pobres onde o dinheiro parece que foge da gente, causando gravíssimos transtornos aos pais dos alunos:

isto de o governo estar sempre com mudanças de livros de ensino. Por exemplo, um pobre pai sacrifica-se em outubro e compra livros para um filho, e sucede que depois de se sacrificar com uma despesa de 2\$00 escudos⁸, o governo manda distribuir circulares para os professores proibindo-lhes, sob pena de procedimento, ensinar por tais compêndios; ¿onde irá o pobre filho de Adão colher dinheiro para realizar a compra de novos livros?” (13 de setembro de 1915).

“Há alguns anos a esta parte que os habitantes daquela ribeira [Praia Branca] precipitaram-se numa tam degradante como abominável inércia, que do mês de Abril em diante não mandam os seus filhos para a escola, e os poucos que mandam o fazem tardiamente e com tal frieza e indiferentismo que nem fornecem aos filhos os utensílios indispensáveis e exigidos pelo professor; e se ele lhes pedir com instância, o descompõem confiados em que as autoridades não dão providências. Pergunto: ¿Porque é que o administrador do concelho não vai ali advertir e conduzir aquela gente à ordem? (...) O contribuinte, que se omite no pagamento da contribuição, é logo, com meios coercivos, executado e muitas vezes confiscado.” (28 de agosto de 1916)

No mesmo jornal, num artigo acima citado sobre “a instrução primária na ilha de S. Nicolau”, o professor Cabral Azevedo dissertou sobre os dotes que devem ter os professores.

“O professor na sua escola deve falar muito, todavia com modéstia.

Como fôr o mestre, assim é a escola; se o mestre for gritador, assim será a escola gritadora, se o mestre fôr imorigerado, assim também imorigerada será a escola. Partamos do seguinte princípio:

Sabemos que os meninos são geralmente imitadores, e por isso, na escolha da pessoa que se encarregará de dirigir os seus princípios, deve-se proceder com todo o cuidado e escrúpulo, evitando que a

pobre humanidade seja submetida por trinta anos debaixo de um verdugo, cujos actos não são recomendáveis.”
(11 de setembro de 1916)

Neste artigo recomenda o estabelecimento na colónia de escolas de artes e ofícios e a vulgarização de escolas agrícolas:

“Um acto que conviria muito ser divulgado pelas ilhas deste arquipélago, atendendo à condição dos seus filhos a que, sem dúvida, se pode juntar o atributo de inteligentes, é o estabelecimento de escolas de artes e ofícios, pois a mocidade cabo-verdeana de ambos os sexos, sempre propensa à emigração para o Mundo Culto, fazendo-o quasi sempre sem mais apetrechos que o primeiro grau de instrução primária, numa maneira deficientíssima, sendo a culpa todavia de quem pode, e sem uma pequena noção das ciências, das artes, não pode deixar de ser lastimoso, vergonhoso até.

É ali considerada verdadeira tabaréa.

Entra, por exemplo, para uma fábrica de qualquer natureza, fica estupefacto sem saber para onde se há-de guiar e o inspetor da secção põe-se a rir sem, todavia, deixar de reconhecer as qualidades sofredores e inteligentes que se manifestam no aprendiz, e o valor dos seus hercúleos braços tam aproveitáveis.

Mais importante seria ainda a vulgarização de escolas agrícolas devendo ser estabelecidas, de preferência, nos sítios onde os alunos encontrassem evidências pelas quais praticassem: sabe-se que Cabo Verde é um país exclusivamente agrícola, mas as suas condições climáticas, fora da zona das chuvas, de tempo a tempo, bafejam-o com estiagens medonhas, les-tadas devastadoras, originando fomes tam temíveis que tem causado hecatombes espantosas; contudo se o nosso venerando governo nos auxiliasse, esteiando-nos na pesquisa de tanta água que, segundo tem dito pessoas de esmerada

competência, encerra o seu seio fecundo, teríamos alcançado o meio de debelar-mos o monstro que pretende aniquilar-nos.”

José Maria Cabral de Azevedo no artigo intitulado “S. Nicolau – Um liceu em Cabo Verde”, publicado no jornal *O Futuro de Cabo Verde* de 28 de maio de 1914, pronunciou-se sobre a perspetiva de extinção do Seminário-Liceu:

“Todos pedem com instâncias que seja criado um liceu em Cabo Verde. Uns pedem para Santo Antão, outros para S. Vicente e outros para S. Tiago; finalmente os habitantes desta ilha, com justíssima razão, desejam que ele seja instalado no próprio estabelecimento, onde há perto de 50 anos, funciona o Seminário-Liceu. Parece-me que não há necessidade de se criar outro Liceu visto possuímos um que desde 1866 vem anexado ao Seminário.

O Gôverno pretende suprimir o Seminário e não o Liceu. O que há a fazer, portanto, é nomear professores para as disciplinas que prescrevem os programas liceais, aproveitando-se dos actuais professores que tão proficientemente se têm encarregado dos ensinamentos dos vários ramos de ciências.”

Ao justificar o valor (i)material e simbólico do Seminário, no artigo em referência, dá-nos importantes informações sobre a História da Educação em Cabo Verde, em particular sobre o Seminário-Liceu de S. Nicolau:

“Historiando: (...)”

[Os cônegos que fundaram o Seminário] instalaram a residência numa casa particular, onde ainda hoje existe o Seminário Liceu pertencente ao ex.^{mo} sr. dr. Júlio José Dias, cuja benemerência traduz-se no busto que os seus conterraneos lhe colocaram no largo da Sé, nesta vila, mediante

o arrendamento de 500\$ por cada anno. Mais tarde, o Governo comprou a própria casa e a quinta contígua pelo preço de 7.000\$.

Em 1880 construiu-se o primeiro acrescentamento com o valor de 2.000\$ da Bula. Em 1888 fez-se o segundo acrescentamento com um novo subsídio de 1.500\$ também da bula (...). Além da construção dos dois acrescentamentos fizeram-se as seguintes aquisições: alargamento pelo pátio sul e leste, incluindo uma pequena quinta; uma grande, linda e importante quinta, ao ocidente, contendo água com abundância para a irrigação, tirada a uma bomba, de primeira ordem (...); edificação de uma grande e bela casa no sítio de Caleijão para a residência vacante, e um campo de enorme extensão para a cultura de milho e pastagem no sítio denominado «Lombo das Vacas» distante desta vila, para leste, uns 8 quilómetros, pouco mais ou menos. (...) Não tenho relações íntimas com o ex. prelado nem com os cônegos, nem lhes devo favores; somente lhes tributo respeito porque me respeitam a mim. (...)

O povo desta ilha na sua quasi totalidade é verdadeiramente crente, não sendo fácil desviá-los das suas crenças tão cedo.

Sou também republicano convicto, respeito e observo devotamente as constituições que regem a minha querida nação e pátria. (...)

O Seminário-Liceu tem prestado um serviço admirável nesta província, onde hoje, a cada passo, se encontram rapazes abaladíssimos que não deixam invejar aqueles que cursam as mesmas disciplinas nos liceus da metrópole.

Convém que se providencie sobre o projectado Liceu, antes que se elimine o Seminário, porque pode suceder que nós os caboverdeanos, fiquemos sem um e sem outro «mais vale um na mão que dois a voar».

Cidadão interventivo em prol da sua ilha natal, denunciou a fome que as-

solava o Arquipélago nas instâncias do poder municipal e na imprensa.

O *Futuro de Cabo Verde*, de 3 de setembro de 1914, noticiou a realização de uma sessão extraordinária da Câmara Municipal de S. Nicolau, a pedido do sr. Lopes da Silva, onde compareceu José Maria Cabral de Azevedo e outros munícipes:

“Abriu-se a sessão, eram 14 horas, e em seguida foi lido pelo sr. Lopes um breve discurso em que falou criteriosamente sobre a conflagração europeia, aduzindo as consequências que podem advir, e, por fim, pediu à ilustre Câmara que proibisse a exportação de géneros alimentícios desta ilha — em seguida (...) tomou a palavra o sr. Azevedo, que divagou sobre a fome, a conflagração europeia, as consequências que podem resultar.” (S. Nicolau, 13 de agosto de 1914)

Quase duas décadas depois, José Maria Cabral de Azevedo publicou no *Notícias de Cabo Verde*, dois artigos intitulados “S. Nicolau”.

Em 2 de setembro de 1933, no primeiro destes artigos, denunciou a situação de S. Nicolau, “esta ilha tão boa e tão digna de ser lembrada, [que] tem permanecido sempre lançada no olvido”:

“Conto oitenta primaveras, e, sendo ainda menino, ouvia dos velhos que de Santo Antão, do Maio e da B. Vista mandavam para aqui rapazes a fim de se instruírem. Quanto à produção agrícola ocupa o quarto lugar em todo o arquipélago. Tanto ela como as suas irmãs, de tempos a tempos são surpreendidas por estiagens medonhas, umas vezes gerais e outras parciais, como sucedeu nos últimos anos: 1931-32 houve seca em Sotavento e chuvas regulares em Barlavento; 1932-33, abundância em Sotavento e seca em Barlavento. Não consta, contudo, que haja inscrito nos registos públicos um único

O livro é composto por trinta e uma histórias de vida de homens e mulheres que se dedicaram à educação e ao ensino, ao longo do século XX em Cabo Verde. São relatos (auto)biográficos, modelados a partir de um guião pré-definido, que testemunham (não explicam, nem julgam) episódios, factos e acontecimentos (que ficaram na memória ou em registos escritos), centrados na singularidade de cada biografado.

As biografias não têm intuitos de consagração, pretendem apenas dar a conhecer ideias, projetos e realizações de pessoas simples, mas com densidade intelectual e uma predisposição para educar.

Temos bem presente que a história da educação em Cabo Verde não começa com os primeiros biografados, todos eles ligados ao Seminário-Liceu de S. Nicolau; outros obreiros da educação tinham desbravado caminho em séculos anteriores. Também não se limita àqueles que foram objeto deste trabalho, porque persistem biografias inacabadas, outras por iniciar, malgrado a identificação de fontes documentais.

**GABINETE DO
PRIMEIRO-MINISTRO**

GOVERNO DE
**CABO
VERDE**
A TRABALHAR PARA TODOS.

ASA

